

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

ORIENTE PLURAL NO UNIVERSO PESSOANO

Cristina Zhou

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

Paço das Escolas 3004-531 Coimbra, Portugal

351-239859887 | cristinazhou@uc.pt

Resumo: Este trabalho visa localizar o Oriente no pensamento e na obra de Fernando Pessoa. Sendo um grande modernista, Pessoa procura expandir e aprofundar o Eu, afirmando o cosmopolitismo espiritual.

Palavras-Chave: Oriente, Pessoa, Cosmopolitismo

Abstract: This paper aims to discern aspects of the Orient in the works and thought of Fernando Pessoa. As a great Modernist, Pessoa tries to expand and deepen the understanding concerning the Self, under the guidance of spiritual cosmopolitanism.

Keywords: Orient, Pessoa, Cosmopolitanism

É fascinante olhar para o Oriente multifacetado e obscuro na obra e no pensamento de Fernando Pessoa. Entendemos a obra pessoana como um universo, ou seja, como uma construção sofisticada e dinâmica, resistente a qualquer tentativa de sistematização. A pluralidade do Oriente em Pessoa é um reflexo da pluralidade da obra pessoana que, por sua vez, reflecte a enorme diversidade do modernismo literário.

Nós propomos entender as múltiplas “camadas” do Oriente em Pessoa, encontrando os elementos-chave e tentando perceber a inter-relação entre eles. Assim creio que teremos um quadro mais completo e que faz mais sentido.

Antes de mais, é preciso ver que a questão do Oriente é inseparável da questão da identidade. Na nossa opinião, no caso do nosso autor, as suas visões acerca de uma identidade nacional/ibérica/europeia devem ser entendidas no seu pensamento esotérico, especialmente, nas suas especulações acerca da Gnose, do Conhecimento, da compreensão e da linguagem. Senão, há muita possibilidade de ignorarmos ou subjugar a autonomia espiritual, o individualismo intelectual e a paixão pelo binário dialéctico, estes que são elementos fundamentais em Pessoa. Ou, pior ainda, podemos correr o risco de sermos desviados pela tendência peculiar do nosso escritor para utilizar termos “tingidos” com um *twist* muito pessoal¹.

Sabemos que a mera referência à íntima ligação entre o nosso escritor e o esoterismo ainda pode levantar polémicas e suspeitas, especialmente, em certos meios intelectuais e sociais dominados pelo paradigma racionalista. Ao fim ao cabo, na academia do pós-segunda guerra ainda se nota a enorme influência da escola de Frankfurt, que, suspeitando da ligação directa entre o esoterismo e o fascismo, reduz todos os conceitos do “mágico”, “esotérico”, até “simbolista”, “místico” ao irracionalismo. Felizmente, contra esta incompreensão dentro da academia, os estudos esotéricos têm evoluído bastante, saindo da periferia para o

¹ Se olharmos para alguns comentários de Pessoa, sem considerarmos a escrita pessoana como um todo, a atitude de Pessoa para com as culturas asiáticas bem pode ser entendida como hostilidade e desprezo. Vejam, por exemplo, esta crítica irónica e violenta no ensaio “Nós os de Orpheu” (1935), frequentemente citada: “Aqui deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Cortes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental”. (Pessoa 2006:217)

centro. Nos estudos literários, por exemplo, o papel fundamental do pensamento místico e esotérico na génese do modernismo literário está a ser reconhecido, especialmente após uma série de estudos importantes e sistemáticos sobre modernistas proeminentes. O esoterismo em Pessoa, como foi mencionado anteriormente, é de facto importantíssimo e estruturante.

Sabemos que o nosso autor era conhecedor e crítico das grandes tradições espirituais. Inspirado especialmente pelo gnosticismo-hermetismo, pela Teosofia cristã e pelos conceitos rosicrucianos, Pessoa concebeu uma noção altamente original do Conhecimento (sobre o eu, a Realidade e o possível Além), ligando este Conhecimento trans-racional (a Gnose) à compreensão do seu próprio génio. Por um lado, tão obcecado pela Verdade como tantos pensadores místicos e ocultistas seus contemporâneos, Pessoa enfatiza a iluminação pessoal e a intuição imaginativa. Por outro lado, a Verdade para Pessoa não é eterna e imóvel, mas dinâmica e plural: o escritor é consistente na sua paixão pelo método analítico e dialéctico, com a tendência constante para auto-disciplinar e auto-sistematizar. Esta preocupação com a ordem e a dinâmica é naturalmente inseparável das ideias estéticas do autor, como podemos ver na sua encenação do poetodrama e nos seus vários projectos editoriais. Não demorando mais neste ponto, queremos só, para já, destacar o facto de o pensamento esotérico do nosso poeta dramático ser profundamente individual e não comprometido.

É notável a constante justaposição de conceitos aparentemente paradoxais que atravessa a obra e o pensamento do nosso autor. Entendemos que esta tendência dialéctica, em harmonia (ou moldada) pelo próprio génio poético, é antes de mais utilizada pelo autor para desencadear a sua capacidade espiritual e para explorar as possibilidades metafísicas *ad infinitum*. No que diz respeito à compreensão de Pessoa da identidade e da alteridade, há-que tomar em conta a omnipresente dinâmica dialéctica, sintetizante e ascensional do autor.

Consideramos que a compreensão do nosso escritor acerca da identidade nacional e/ou europeia/ocidental é orientada pela sua compreensão da própria identidade. Assim, ao tentar definir uma identidade nacional/ibérica/europeia, o escritor não resistiu definir, analisar e sistematizar uma vasta quantidade de elementos culturais, entre os quais alguns eram orientais. Estes elementos orientais eram ora incluídos, ora excluídos da compreensão/construção pessoal da identidade.

Como é natural para um escritor e pensador altamente original e individualista, Pessoa exagera bastante... às vezes rejeita demasiado.

A seguir, vejamos então com mais pormenores.

Fernando Pessoa nasceu em 1888 no coração de Lisboa, metrópole e capital do antigo Reino de Portugal. Ele passou a grande parte da infância e adolescência em Durban, África do Sul, na altura uma colónia britânica. Na sua resposta à admiração de Mário de Sá-Carneiro por Paris, podemos ver que Pessoa tinha bastante orgulho no seu *background* cultural sofisticado e cosmopolita². A ideia pessoana de ser português distancia-se tanto da visão dos líderes jacobinos da I República (1910-1926), como da orientação dos líderes conservadores e militaristas da II República (Estado Novo). Na visão de Pessoa, o elemento nuclear da identidade portuguesa é precisamente o núcleo da sua própria identidade: o cosmopolitismo individual. N.B.: Não é o cosmopolitismo assumido por um grupo colectivo. Como diz o próprio escritor, “o povo português é, essencialmente, cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português, foi sempre tudo. Ora ser tudo em indivíduo é ser tudo; ser tudo em numa colectividade é cada um dos indivíduos não ser nada.” (Pessoa 1980b:3)

Vale a pena sublinhar que, para Pessoa, não é só possível mas é necessário falar de nação num nível individual e espiritual. Todos sabemos que o nosso escritor era hostil ao provincianismo. Não era ligado à vida rural, nem tinha inclinação ao populismo. No entanto, o seu cosmopolitismo não se confunde com a xenofilia banal, especialmente com a xenofilia num nível materialista. O cosmopolitismo pessoano é sobretudo espiritual. Pensemos no programa clandestino do Neopaganismo (às vezes, Neopaganismo Português), construído por Pessoa para unir todas as correntes religiosas e espirituais. Inspirado na visão trans-histórica e universal da tradição mística e ibérica, na linhagem de Joaquim de Fiore do séc.XI, esse programa abrangente visa combinar e sintetizar sistemas aparentemente incompatíveis. Sem dúvida, ao criar esta visão grandiosa e sintetizante da identidade nacional, correspondente à compreensão da sua identidade individual,

² “V. é europeu e civilizado, salvo em uma coisa, e nessa V. é vítima da educação portuguesa. V. admira Paris, admira as grandes cidades. Se V. tivesse sido educado no estrangeiro, e sob o influxo de uma grande cultura europeia, como eu, não daria pelas grandes cidades. Estavam todas dentro de si.” in “O Provincianismo Português” (Pessoa 1980a:159)

Pessoa tentou aprofundar e engrandecer o espírito português e humano³. Trata-se de um típico gesto modernista movido pelo apelo de Friedrich Nietzsche, com a audaciosa abertura a todas as tradições não-cristãs, espirituais e ocultistas.

Há aqui, no entanto, uma discrepância notável. O Oriente, especialmente, o extremo-oriente (China e Japão), desde as últimas décadas do séc.XIX ao início do séc.XX, era considerado uma contrapartida cultural positiva ao Ocidente, pelos intelectuais europeus. O modernismo alemão, por exemplo, caracteriza-se por um profundo fascínio pelo pensamento a-racional das tradições chinesas, especialmente do taoísmo. O gosto alemão pelo taoísmo chinês deve-se sobretudo à tendência do Alto-Romantismo para valorizar o pensamento analógico, simbólico e poético. Novos materiais que vieram da China nas primeiras décadas do séc.XX, seriamente estudados e traduzidos para alemão, deram mais um impulso ao interesse pelo Oriente e pelo extremo-oriente. Pessoa não compartilha o mesmo entusiasmo. Talvez contraditório ao seu cosmopolitismo espiritual? Aparentemente. Não esqueçamos que, ao colocar-se na conclusão ou no cúmulo da história humana, Pessoa considera-se o verdadeiro herdeiro das grandes tradições espirituais da Humanidade. Neste sentido, no sistema altamente abrangente dele, apesar de o facto de todas as tradições espirituais se completarem uma a outra, não são todas iguais: algumas receberam de facto mais importância que as outras, devido às preferências e aos preconceitos do autor.

O nosso escritor tenta averiguar as tradições espirituais ocidentais à fonte verdadeira. Na linhagem do Alto-Romantismo anglo-germânico, ele aspira a uma regeneração e purificação espiritual para Portugal, a Ibéria e a Europa, através do regresso à origem genuína. Neste processo, ele detecta e exclui elementos alheios, demarcando constantemente os confins de uma identidade portuguesa/ibérica/europeia/ocidental.

Para Pessoa, um dos piores inimigos da mentalidade ocidental é precisamente o elemento indiano/asiático. Considerando o misticismo indiano (para o escritor, o núcleo da tradição oriental) uma forma inferior de pensamento, ele ataca violentamente o catolicismo que está, segundo ele, tingido de hinduísmo desde S.

³ cf. "Fui sempre, e através de quantas flutuações houvesse, por hesitação da inteligência crítica, em meu espírito, nacionalista e liberal; nacionalista – quer dizer, crente no País como alma e não como simples nação; e liberal – quer dizer, crente na existência, de origem divina, da alma humana, e da inviolabilidade da sua consciência, em si mesma e em suas manifestações." (Pessoa 2003:195)

Francisco de Assis. Ao mesmo tempo, aliás, após o entusiasmo inicial, ele afasta-se decididamente da teosofia moderna, que privilegia tradições tibetanas. A atitude de Pessoa para com os elementos orientais é marcada por um *detachment* frio. Neste sentido, ele está de acordo com os pensadores esotéricos e ocultistas da “reacção hermética” que, segundo a designação de Marco Pasi, reagem contra a desvalorização de Mme. Blavatsky das tradições ocidentais. Contra a inclinação da teosofia moderna para as tradições (supostamente) orientais, esses pensadores insistem nas tradições distintamente “ocidentais”, e.g. a Cabala judaica, rosicrucianismo, alquimia e tarot. Pessoa, na sua tentativa de definir uma tradição verdadeira e interior do espírito ocidental, privilegia claramente as tradições helénicas, árabes, judaicas/cabalísticas e rosicrucianas.

Ele mantém-se distanciado do fervor finissecular pelo Oriente, mitificado pelas correntes simbolistas e pós-simbolistas: “Eu acho que não vale a pena ter/Ido ao Oriente e visto a Índia e a China./ A terra é semelhante e pequenina/ E há só uma maneira de viver”; “Enoja-me o Oriente. É uma esteira/ Que a gente enrola e deixa de ser bela”; “Deixa-me estar aqui, nesta cadeira,/ Até virem meter-me no caixão./ Nasci para mandarim de condição,/ Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira”. (*Opiário*, Álvaro de Campos) (Pessoa 1982:137;140;143)

Como vimos logo no início deste trabalho, o universo pessoano é marcado pela sua dinâmica dialéctica. Assim, em certos momentos, a rejeição do poeta transforma-se num desejo subtil. Neste momento melancólico de Álvaro de Campos, por exemplo, encontramos uma aspiração dolorosa ao Oriente:

Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido.
 Folha a folha lê em mim não sei que sina
 E desfolha-me para teu agrado,
 Para teu agrado silencioso e fresco.
 Uma folha de mim lança para o Norte,
 Onde estão as cidades de Hoje que eu tanto amei;
 Outra folha de mim lança para o Sul,
 Onde estão os mares que os Navegadores abriram;
 Outra folha minha atira ao Ocidente,
 Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o Futuro,
 Que eu sem conhecer adoro;
 E a outra, as outras, o resto de mim

Atira ao Oriente,
 Ao Oriente donde vem tudo, o dia e a fé,
 Ao Oriente pomposo e fanático e quente,
 Ao Oriente excessivo que eu nunca verei,
 Ao Oriente budista, bramânico, sintoísta,
 Ao Oriente que tudo o que não temos,
 Que tudo o que nós não somos,
 Ao Oriente onde – quem sabe? – Cristo talvez ainda hoje viva,
 Onde Deus talvez exista realmente e mande em tudo...

(*Dois Excertos de Odes*, Álvaro de Campos) (Pessoa 1982:157-158)

Podemos ver que no cosmopolitismo espiritual e individual de Pessoa, os elementos orientais, especialmente os elementos indianos, mas também os do extremo-oriental, constituem uma parte significativa da alteridade. Não sendo uma contrapartida positiva, são constantemente rejeitados ou afastados. Embora este *detachment* frio seja equilibrado pela poética dialéctica e sintetizante do nosso autor, os elementos indianos e do extremo-oriental não deixam de ficar sempre no lugar do “Outro”.

Curiosamente, os elementos árabes, que noutras correntes europeias são consideradas como orientais e exóticos, em Pessoa não são afastados, nem contemplados com fantasia, mas seriamente elevados.

Na *Ibéria – introdução a um imperialismo futuro* Pessoa apresenta a sua visão da cultura ibérica baseada no cristianismo (N.B. não catolicismo) e no Islão. Pessoa reconhece o esplêndido avanço cultural na Ibéria medieval, impulsionado pelos estudiosos em Toledo e Córdova. Ele interessa-se profundamente pelo convívio e interacção das culturas cristã, judaica e árabe na península ibérica. Lamentando a decadência da cultura ibérica, condenando o conservadorismo católico e também criticando a importação descuidada dos “valores republicanos da França”, Pessoa defende a revitalização da cultura ibérica através da fusão equilibrada dos elementos cristãos e árabes. Citando o próprio autor: “uma vez que consigamos equilibrar Roma e a Arábia em nós, erguer-nos-emos a uma altura muito grande...” (Pessoa 2012:58).

Concluindo, na arte dinâmica de Pessoa, diferentes elementos orientais receberam diferentes tratamentos. Este processo criativo, integrado no cosmopolitismo espiritual do escritor, é altamente individual e profundamente sério, embora não

isente de irregularidades, preferências e preconceitos. Reiterando a minha ideia inicial, devemos respeitar a autonomia metafísica, a pluralidade e a dinâmica interior da obra pessoana, sem correr risco de simplificar demasiado, nem exagerar, e muito menos tentar encaixar Pessoa em agendas políticas ou ideológicas.

Bibliografia

- Pessoa, Fernando (1980a) *Textos de Crítica e de Intervenção*, Lisboa: Ática.
- , - (1980b) *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão, introd. e org. Joel Serrão, Lisboa: Ática.
- , - (1982) *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa: Ática.
- , - (2003) *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim.
- , - (2006) *Prosa Publicada em Vida*, ed. Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim.
- , - (2012) *Ibéria*, ed. Jerónimo Pizarro e Pablo Javier Pérez López, Lisboa: Ática.